



SEÇÃO ENTREVISTA/Interview

Formação sociológica em tempos de ditadura¹

Entrevista com Prof^a Dra. Maria Izabel de Medeiros Valle²

Cleiton Maciel³ – Primeiramente eu gostaria de agradecer à professora pela conversa que teremos e pela palestra que ela vai dar posteriormente. E para iniciar esta entrevista eu queria fazer uma pergunta que acho que todo estudante aqui faria. Como é que a senhora encontrou as Ciências Sociais? Ou as Ciências Sociais lhe encontrou? Como foi sua iniciação na área da sociologia? Eu gostaria que a senhora nos contasse um pouquinho.

Prof^a Izabel Valle – Bem, eu vou procurar fazer isso de uma forma bem breve, mas antes de responder à sua pergunta eu queria dizer que me sinto muito satisfeita com a organização dessas sextas sociológicas, uma iniciativa desses estudantes de Pós-graduação em Sociologia. Eu penso que isso é muito interessante porque reúne os estudantes de graduação e pós-graduação não só das ciências sociais, sobretudo das ciências sociais, mas também de outros cursos, e isso é extremamente importante porque vai dando este “sentido de academia”. Eu penso que esse ambiente que é um ambiente de debate, um ambiente de circulação de ideias, de conhecimento, é que forma esse perfil acadêmico na própria instituição. Então, essa prática iniciada esse ano nesta quarta turma de mestrandos é muito alvissareira e os nossos agradecimentos pelo convite. Para mim é um prazer estar aqui e poder, não apenas, vamos dizer assim, dar conta de um pouco dessa nossa motivação e trajetória dentro das ciências sociais, como também, para falar um pouco daquela área que a gente vem atuando com mais intensidade no campo dos estudos de pesquisas e orientações.

¹ Esta entrevista foi realizada em uma palestra durante a sexta edição do Projeto Sexta Sociologia – organizado pelos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia PPGS/UFAM em 2012.

² Doutora em Sociologia e Antropologia/UFRJ. Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia PPGS/UFAM

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia UFSCAR. Egresso do Programa de Pós-Graduação em Sociologia PPGS/UFAM



Era isso que eu queria dizer inicialmente. E com relação às ciências sociais, a minha família é uma família de formação humanista. Nós não temos nenhum engenheiro, nós não temos nenhum médico, mas nós temos professores em profusão e são professores em variadas áreas, todas vinculadas ou ao mundo das artes ou às ciências humanas propriamente ditas: advogados, enfim, a nossa família é uma família muito vincula em termos de inserção profissional na área das ciências humanas e sociais. A minha intenção era de alguma forma compreender a vida, compreender o mundo, compreender porque que as pessoas são como são, o quê que elas fazem, como que elas fazem, como é que elas se relacionam. Então, era uma inquietação que já vinha desde muito jovem. Eu estava no Rio de Janeiro onde fiz o meu terceiro ano. Naquela hora eu tinha de fazer minhas opções no vestibular, e no meu tempo nós podíamos escolher duas áreas acadêmicas. A minha primeira opção foram as ciências sociais porque ali eu vi na sociologia possibilidades de responder à algumas das minhas questões que eu mesma me colocava a partir do contexto doméstico, familiar. E também esse contato com os intelectuais da cidade provocaram a imensas inquietações que me motivaram a ir para as ciências sociais. E no curso fui muito feliz porque tive muitos bons professores e o que me chamou efetivamente atenção, porque a sociologia era mais forte, foi a sociologia. Eu achava a antropologia bacana, mas talvez, não sei as razões, talvez porque naquele momento nós não tínhamos trabalho de campo, que era uma coisa muito vinculada apenas aos professores. Os estudantes não estavam envolvidos nisso e eu me satisfiz mais com a área da sociologia e da ciência política, tanto que até hoje eu gosto muito de ciência política. Penso que a minha prática profissional sempre esteve vinculada a uma intervenção nos movimentos sociais, isso desde a minha juventude, eu tive uma participação muito grande no movimento estudantil do Rio de Janeiro. Nós refundamos o centro acadêmico. O Edson Luís até hoje é o CAEL⁴ lá do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Nós participamos do congresso de reconstrução da UNE em Minas Gerais. Enfim, a sociologia me ajudou nisso e as ciências sociais de maneira geral me ajudaram a ter, vamos dizer assim, uma consciência do mundo bastante refinada, porque o cientista social, a partir do momento em que ele, com o conjunto de conhecimentos – e isso se exige do cientista social – nós vamos refinando a nossa maneira de pensar exatamente porque nós vamos combinando o conjunto de contribuições que faz com que nós possamos dar um salto de qualidade em relação à interpretação do mundo em que vivemos. Porque a sociologia não se faz sozinha, você observa que todos os nossos grandes cientistas conversam, dialogam com outros campos de conhecimento, com mais ou menor profundidade, mas você veja a grande influência da

⁴ Centro Acadêmico Edson Luís

psicologia, por exemplo, no Durkheim. O próprio Simmel vai também trabalhar muito com a psicologia. Weber vai trabalhar muito com a economia, como vai fazer Marx. E a história? A história para nós é absolutamente fundamental. Então de repente você tem um campo de conhecimento muito grande e você vai de acordo com as suas afinidades, as famosas afinidades eletivas que o Antônio Carlos⁵ gosta, científicas ideológicas, nós vamos combinando esses conhecimentos e formulando sobre a realidade com base neles alguma reflexão, essa reflexão que em determinado momento se torna pública, distribui-se, é criticada, é reformada, é reforçada, ou é destruída. E assim no conhecimento. Tentei ser objetiva, tá?

Cleiton Maciel – A senhora falou em reflexão pública, se tornar pública, monografia, dissertação e tese. Pegando esse gancho, como foi sua inserção no universo da pesquisa científica?

Prof^a Izabel Valle – Olha só, no IFICS, que é o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, não havia obrigatoriedade nem de projeto, nem de monografia, nós simplesmente nos formávamos, não havia essa obrigação. Aliás, não era exigido isso não, mas vejam só, a minha formação é uma formação ligada ao período ditatorial e é importante que agente deixe isso claro. Quanto menos estímulo a pensar melhor, a monografia faz você pensar a partir da escolha do seu objeto. Não é isso? Que objeto você vai trabalhar? Meu irmão, se abrisse naquela hora para trabalhar um objeto, certamente que as ciências sociais iria todinha cair na ditadura militar para estudar os processos de repressão. E eu me formei no período de 1975 a 1979. Eu ainda vivenciei um período de sala de aula muito anti acadêmico, muito vigiado. Então nós lidávamos dentro de sala de aula com os “arapongas”⁶, nós não sabíamos quem eram os “arapongas”, mas nós sabíamos que eles estavam presentes no Instituto dada a capacidade de crítica do próprio instituto. Professores nossos do antigo IFCS não eram nossos mais, haviam sido retirados pela ditadura militar. Então, naquele momento nós tínhamos muitos professores técnicos, professores que tinham muito receio também de expor e muitos poucos livros críticos a disposição. Para vocês terem uma ideia de como a situação se passava, nós tínhamos mais conteúdo acadêmico e político fora das salas de aulas e, portanto, nos corredores do que dentro das salas de aula. Para nós adquirirmos livros que eram considerados de esquerda nós precisávamos, vamos dizer assim, de muita cambalhota, muito salto. Uma vez nós tivemos que ir para Niterói, nós tínhamos que

⁵ Prof^o Dr^o do Departamento de Ciências Sociais e PPGS em Sociologia UFAM

⁶ Agentes da Ditadura Militar.

atravessas a ponte para ir a Niterói buscar de maneira muito furtiva livros do Lenin, livros do Marx. Então quer dizer, esses autores de esquerda nós não estudávamos dentro da instituição, nós estudávamos fora da Instituição. Nós estudávamos Durkheim, nós estudávamos Weber, mas não passava nada da literatura marxista por impedimentos da própria ditadura militar. Então, houve uma geração que foi formada sem conhecer esses autores clássicos que hoje vocês têm acesso em qualquer livraria. Quer dizer, tudo isso é que vai provocar um tipo de experiência que vai levar uma grande parte dos estudantes de ciências sociais para uma militância política e não propriamente a uma militância acadêmica. Concretamente, a universidade naquele momento não cumpria efetivamente com a sua função social. Ela estava no desvio de função exatamente em face de que? O único espaço democrático para discussão – democrático ainda que muito vigiado – era a universidade, e como os estudantes não podiam discutir as questões fundamentais postas por uma outra literatura, qual era o resultado disso tudo? Longe da sala de aula na militância política, combatendo a ditadura militar. Então, a minha geração é uma geração que vai recuperar o conteúdo propriamente acadêmico *a posteriori* e não durante seu próprio processo de formação. Isso é muito interessante. Por que eu falo de desvio? Porque na universidade o fundamental é a formação, acadêmica, profissional e cidadã, o que inclui, claro, essa orientação para uma vida ativa na sociedade no ponto de vista político. Mas naquele momento, fazer da universidade um elemento fundamental para espaço prioritário da luta política parecia ser um equívoco, mas tinha que ser feito. Porque esse espaço tinha de ser do partido político, então naquele momento quem ocupava este espaço do partido político era a universidade. Nós éramos os militantes, mas sem partido. Havia militantes que entraram na clandestinidade. Eu tive colegas que, efetivamente, se vincularam a várias organizações clandestinas nessa perspectiva de contribuir mais. Teve colegas que resolveram ir para a luta armada. Tinha gente de tudo quanto era organização que não podia estar à luz do dia, mas que estava ativa nos movimentos sociais, sobretudo no movimento estudantil. Ou seja, nós tínhamos grandes lideranças, tínhamos uma série de organizações: o pessoal trotskista, da liberdade e luta, enfim, havia esse pessoal todo que tava ali se articulando no sentido de derrubar a ditadura militar. Portanto, a nossa formação é uma formação muito rica do ponto de vista político, da combatividade, da inserção social, mas que teve que suar para caramba para ficar dentro da universidade. Suar estudando. Porque nessa geração dos anos 1990 em diante o que a gente observa é uma entrada forte mesmo na academia e não mais essa vinculação nos movimentos sociais como tinha ocorrido em duas décadas anteriores. É interessante, né? Isso daí.

Allison Andrade: Professora, a Sra. não teve a oportunidade de fazer PIBIC⁷ não, né? (risos)

Prof^a Izabel Valle: Ah não, menino! Naquele tempo não existia PIBIC. Uma coisa que é bem interessante é o seguinte: a professora Rosa⁸, que sempre está aqui nos PIBICs, ela faz absoluta questão de ressaltar que foi aqui na Universidade do Amazonas que nasceu o PIBIC. Por quê? Porque nós fomos a primeira universidade a abraçar esse projeto que havia sido lançado pelo CNPq. E por que nós abraçamos com muita força? Porque na Universidade do Amazonas, naquele momento na década de 1990, se não me engano, não tenho muita certeza, final dos anos 80, a formação nossa dos docentes era de graduação. Quer dizer, nós não tínhamos, vamos dizer assim, nem esse acúmulo de experiência para fazer pesquisa e nem para orientar. Logo, por onde foi que também os professores começaram a aprender? No PIBIC, fazendo pequenos projetos junto com seus estudantes e isso foi sensacional. Na nossa formação nós não tínhamos nem monografia, porque os estudantes não tinham de pensar. O negócio era não pensar. E no PIBIC vocês não fazem reflexão? Vocês não tem que ler muito? Então, na época da ditadura, quanto menos se lesse, melhor. Menos informação, melhor também. Havia, pois, toda uma razão para não ter nem curso de pós-graduação no país. Só posteriormente eles vão expandir, não é? E nem tínhamos também essas exigências de formação seja na produção de monografia seja na elaboração e execução de um projeto como este do PIBIC. Não tinha projeto de extensão, não tinha nada.

Cleiton Maciel: No universo de professores da sua graduação, mestrado e doutorado, quais a Sra. destacaria como influências fundamentais na sua trajetória acadêmica e no posicionamento teórico?

Prof^a Izabel Valle: Pois então, eu tive a oportunidade de ter muitos bons professores? Não, muitos bons, não! Poucos bons professores, por conta disso, do corte entre os bons professores. Antes de entrar na universidade eu tive um professor de história no terceiro ano – eu estudei no Miguel Couto que era um convênio que tinha pré-vestibular junto com o terceiro ano - era o

⁷ Programa Institucional de Bolsas de iniciação Científica

⁸ Rosa Ester Rossini é Bolsista de produtividade CNPq Nivel 1. Professora do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, desde 1971, e é Professora Titular desde 1991. Desde de 1989 tem se dedicado também ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC nos processos de seleção e avaliação de projetos. Consultora dos PIBICs da universidade Federal do Amazonas

professor Maurício que havia sido expulso já da universidade pelas suas ideias e trabalhava em cursinho. Era um desperdício aquele homem num cursinho. Um homem absolutamente titulado, tinha estudado no exterior e era perseguido pela ditadura militar e não podia, portanto, atuar dentro da universidade de onde já tinha sido escorraçado. E ele era nosso professor. Tive essa felicidade de encontrar esse professor Maurício dando aula para a gente. E foi ali que ele nos encaminhou para uma leitura da história crítica, não apenas aquela história decorativa como nós estávamos acostumados – datas e nomes (heróis), né? – a história factual. E ele ali nos deu o sentido, vamos dizer assim, do que é a leitura, o que ler, discutir com o autor, duvidar. Assim, eu penso que ele foi muito importante para a gente saber ler, e onde é que eu vou encontrar essa outra experiência dentro da universidade? Já iniciado o meu curso, talvez lá pela metade do curso nós tivemos a oportunidade da chegada do professor Michel Misse⁹. O professor Michel Misse hoje é um grande nome, sobretudo na área de segurança, da violência. Vocês viram aquele filme do BOPE – tropa de elite 2? Logo nas primeiras cenas tem aquele cara dos direitos humanos numa sala conversando com muita gente, falando sobre um problema dos direitos humanos e violência no Rio. O Michel Misse está ali sentado. De vez em quando ele aparece na mídia nacional expressando exatamente essa posição da academia relativamente ao problema da violência, sobretudo no Rio de Janeiro onde ele está sediado. Foi naquela época que ele iniciou seu percurso como professor da Instituição e está lá até hoje. E o Michel Misse é um homem com grande formação marxista e foi ele que praticamente nos introduziu a uma leitura do mundo em que esses conteúdos fossem por nós absorvidos. Ele fundou também o SOCII¹⁰, que agora já não me lembro mais o que significa a sigla, mas era um grupo de estudos que se reunia durante duas vezes na semana lá na Praça da República numa salinha de maneira até meio clandestina para estudar Marx. Nós começamos a estudar o Capital. Foi ali que nós começamos a ter uma maior oportunidade até de saber o que era as Ciências Sociais, porque para nós antes “nêgo” dava demografia, dados populacionais, dava estatística e a gente sem compreender exatamente o quê que aquele negócio todo ia servir para o nosso conhecimento. A economia que tínhamos era econometria. Tínhamos também geografia, mas nós não conseguíamos unir nada. Foi então ele que veio dar um sentido. O Michel Misse para mim foi uma referência naquele momento de formação para a gente ganhar mais entusiasmo e saber conduzir um pouco melhor nossos estudos. Depois no mestrado teve outros professores, mas na graduação ele foi extremamente significativo para os nossos estudos. Então é isso. (risos)

⁹ Doutor em Sociologia pelo Instituto Universitário de pesquisas do rio de Janeiro, IUPERJ. Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia /UFRJ

¹⁰ Socii - Pesquisadores Associados em Ciências Sociais